



A epístola ao deus do amor (1399), a primeira querela literária, em língua francesa, instaurada por uma mulher

Maria Ascensão Ferreira Apolonia

Instituto Histórico Geográfico de São Paulo, Rua Benjamin Constant, 158, 01005-000, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: mafepol@uol.com.br

RESUMO. N' *A Epístola ao deus do amor (1399)*, surpreendemos a primeira querela literária instaurada por uma mulher. Christine de Pisan comparece à tribuna palaciana, para combater em favor do feminino na réplica contra a misoginia do *Romanço da rosa*, de Jean de Meung. É nosso intuito analisar a carta no contexto medieval; e, em função da distância que dele nos separa, incluímos alguns dados biográficos e históricos antes da análise do *corpus*. Na Epístola, a autora se fez herdeira das *Cortes de amor*, em que à dama correspondia a função de magistrado. A carta tem a força de uma sentença após julgamento do delito, culminando com a solicitação de ser o veredicto executado. Da função de magistrado para a de educadora, Christine dá continuidade ao processo civilizatório cristão, que propôs novas formas de relacionamento entre homem e mulher. Ela sobressai pela habilidade em conduzir o debate até pôr em evidência os 'sophismas' da tese contrária. Na linha da dialética escolástica, cede a palavra aos opositores, mas quem domina a estratégia de converter a agressividade do inimigo em força do aliado é quem rege a polifonia. A Epístola ultrapassará o espaço da Corte para chegar à sociedade francesa, granjeando adeptos e adversários.

Palavras-chave: Idade Média, literatura, história, análise do discurso.

The letter of the god of love (1399): the first literary quarrelling set up by a woman to be found in the french language

ABSTRACT. *The letter of the god of love (1399)* is the first literary quarreling surprisingly set up by a woman to be found in the French language. Christine de Pizan appears at the palace tribunal to stand for women by replying against the misogyny present in *Roman de la rose* [The Romance of the Rose]. It is our aim to analyze Christine de Pizan's discourse in the cultural context. Due to the long period of time between that context and ours, we have included some biographical and historical data. She makes herself heir of the *Courts of love* in which ladies took on the role of magistrates. The letter carries the force of a sentence passed by a judge who has completed judging the offence, culminating with the instruction that the verdict shall be executed. Playing a magisterial or educator role, Christine continues the Christian civilizing process by proposing new forms of relationship between men and women. The outstanding quality of the author is seen in her ability to conduct the contention and in bringing to light the sophisms included in her opponent's thesis. In accordance with the scholastic dialectical method, she gives the floor to her opponents but is the one who rules the polyphony. The Letter moves beyond the Court to reach the French society, gaining supporters and enemies.

Keywords: Middle Ages, literature, history, discourse analysis.

Introdução

É nosso intuito analisar o discurso de Christine de Pisan no contexto histórico-cultural em que se viabilizou; e, em função da distância que dele nos separa, incluímos alguns dados biográficos e históricos antes da análise do *corpus*, de forma a propiciar ao leitor uma apreensão contextualizada da Epístola. O conjunto da obra de Christine de Pisan (1363-1430) vem a público nos séculos XIV e XV, sob os auspícios da Corte de Paris, importante núcleo de produção e divulgação da arte e do saber no final do medievo. No reinado de Carlos V

(1338-1380), a leitura foi proposta como fonte de conhecimento e estudo, para bem governar; e como referência aos responsáveis pela administração do Estado. Na altura em que o monarca faleceu, a biblioteca real contava com cerca de mil e duzentos manuscritos.

Paradigma do conhecimento, dos costumes e valores medievais, a Corte Francesa secundou o processo mais amplo de delimitação das fronteiras de uma cultura laica, com ênfase para o estudo dos clássicos greco-latinos, a tradução da filosofia de Aristóteles e Platão e a divulgação da obra de Santo

Agostinho. O hábito de leitura das hagiografias, gestas, novelas de cavalaria e lírica trovadoresca conquista um número cada vez maior de leitores. De acordo com Jacques Le Goff, o século XIII será o século da leitura e da escrita (cf. LE GOFF, 2008).

A partir da fundação das universidades (1088), assistiríamos aos primeiros passos rumo à instância secular do conhecimento. Reitores, mestres e alunos inauguraram um ambiente de estudo e discussão de temas polêmicos de cunho religioso e profano. A busca da verdade: “É para dar testemunho da verdade, que nasci e vim ao mundo. Todo aquele que é da verdade, ouve a minha voz” (Jo 18, 37), legitimada pelas palavras de Cristo e interpretada nos âmbitos sobrenatural e humano, não se restringiu à academia ou às ordens religiosas, alargando-se como meta acessível ao leigo, sobretudo aos que vivem nas cidades: homens de Estado, nobres, cortesãos, médicos, juristas, comerciantes e mulheres de prestígio.

Ampliam-se as referências filosóficas da fé e da vida humana. Conhecer é uma delas. Para compreender as verdades naturais e reveladas, é necessário estudá-las. Na perspectiva de São Tomás (1225-1274), a fé não se opõe ao conhecimento filosófico da Antiguidade, que lhe serviu de fundamento na *Suma teológica* (1265-1273). Ao contrário, a leitura, o estudo e o cultivo das ciências humanas contribuíram para que a cristianização se fizesse completa no ritual e na doutrina salvífica. Por sua vez, as manifestações artísticas e literárias, ao lado dos estudos filosóficos, buscaram instaurar o cristianismo como referência do agir humano. Harmonia inerente à cultura medieval, que preconizou a unidade entre o crer, o saber e a vida. Por isso, não causa estranheza que os mosteiros, as abadias e os conventos se fizessem núcleos de salvaguarda da cultura clássica, de incentivo aos estudos humanísticos e de fomento da pesquisa científica (cf. BARBOSA, 2001) ou o fato de as primeiras escolas se vincularem, arquetonicamente, à igreja sede. A partir do século XII, nas cidades em que havia uma catedral, abria-se ao lado uma escola de alfabetização para crianças sem a exclusão das meninas, embora o avanço ainda não atingisse senão uma parte da população (BAUMGARTNER, 2002).

É nesse largo panorama em que o conhecimento é objetivo a atingir que emerge a escrita de *A epístola ao deus do amor*, como réplica contra o *Romance da rosa*¹, de Guillaume de Lorris (1200-1238) e Jean de

Meun (1240-1305), que se pauta por uma visão diminuída da mulher. A produção literária de Christine de Pisan não é um verso solto: integra o conjunto de obras e pronunciamentos de cunho pedagógico que, na França, desde o período carolíngio, tiveram o intuito de civilizar o comportamento rude, por vezes bárbaro, do homem com relação à mulher. De fato, já nas homilias de Hicmar, do século VIII, defende-se a simetria homem-mulher na fidelidade conjugal do casamento monogâmico:

A violência sexual é denunciada e equiparada aos crimes mais hediondos da justiça pública. Essas condenações veementes num Hicmar, por exemplo, são o oposto de uma moral abstrata. Elas se dirigem a um público real, àqueles aristocratas francos para os quais a violência e, em particular, o rapto eram ainda uma prática habitual. O modelo conjugal que a elite clerical busca, nessa altura, propor como regulador da violência sexual implica, além disso, num reconhecimento da mulher como pessoa, como consorte de pleno direito na sociedade familiar (TOURBET, 1986, p. 137)².

A epístola ao deus do amor, com que Christine inaugura a sua atuação pública, bem como *A cidade das mulheres* (1405) e *O livro das três virtudes* (1406), em que igualmente defende o gênero feminino, dão continuidade ao processo civilizatório cristão, que transformou a relação homem e mulher, sobretudo a partir do casamento monogâmico. Segundo Jacques Le Goff, a maior contribuição da Idade Média à humanidade foi a valorização da mulher, oficializada pela sacralidade da aliança nupcial:

[...] o que me parece absolutamente notável nessas disposições do Concílio de Latrão é evidentemente o fato de que o casamento seja impossível sem o acordo do esposo e da esposa, do homem e da mulher: a mulher não pode ser casada contra sua vontade, ela tem de dizer sim (LE GOFF, 2008, p. 123).

Em consonância, agregaram-se argumentos racionais e antropológicos ao imperativo de conferir à mulher uma nova função e identidade no convívio familiar e na vida social.

Em sintonia com o novo paradigma de relacionamento feminino-masculino, produziram-

cortês e da visão da mulher em Lorris. Meun faz apologia do erotismo e dos métodos de rapto e traição como recursos para subjugar a mulher (MEUNG; LORRIS, 1798).

²“La violence sexuelle y est dénoncée et assimilée aux crimes majeurs de la justice publique. Ces condamnations véhémentes, chez un Hincmar par exemple, sont à l’opposé d’une morale abstraite. Elles s’adressent bien à un public réel, ces aristocrates francs pour lesquels la violence et, en particulier, le rapt étaient encore pratique courante. Le modèle conjugal que l’élite clericale cherche alors à imposer comme un régulateur de la violence sociale implique en outre une reconnaissance de la femme comme personne, comme consors de plein droit dans la société familiale” (TOURBET, 1986, p. 137).

¹O ‘Romance’ alegórico contém duas partes escritas em octassílabos. A primeira, redigida entre 1230 e 1240, com 4058 versos, de autoria de Lorris, dirige-se ao ambiente palaciano e se assemelha a um manual sobre a arte de amar na perspectiva do *fin’ amors*. A segunda, com 17724 versos, foi escrita cerca de quarenta anos mais tarde, por Jean de Meun, que se afasta do amor

se, a partir do século IX, guias de comportamento e toda uma literatura matrimonial: os *'specula'*, os *'exempla'*, os tratados sobre o amor e a lírica trovadoresca, que revelam a maneira de ser do outro (cf. MACEDO, 1995). As regras do amor cortês salientam a necessidade que tem o homem de dominar seus impulsos e cultivar os sentimentos mais nobres para cortejar uma dama (CAPELÃO, 2000). As cantigas de amor manifestam a paixão radical e inflexível do masculino que se dá a conhecer ao feminino, enquanto as de amigo põem em evidência a inclinação sentimental e saudosista da mulher. Com efeito, a Idade Média inventou o amor de exclusividade com reflexos, inclusive, nas relações espúrias de vassalagem entre um único trovador e uma única senhora feudal. Em síntese, a Literatura acompanhou as transformações culturais do relacionamento social; e o amor entre homem e mulher passou a ser considerado a experiência mais profunda do ser humano (cf. HAUSER, 2000).

A partir do final do século XIV, intensifica-se, sobretudo na Itália, o interesse por filósofos, literatos e oradores da cultura antiga. Aristóteles, Platão, Ovídio, Cícero e Virgílio são traduzidos e divulgados. A Baixa Idade Média se enriqueceu com o estudo da Patrística, dos Doutores da Igreja, e com o crescente apreço das Belas Letras. Petrarca (1304-1374) foi o símbolo mais expressivo dos *studia humanitatis* e de uma nova sensibilidade e gosto literários. Segundo Etienne Gilson, por meio da leitura de Santo Agostinho, o poeta compaginou a admiração pela retórica clássica com a eloquência dos grandes oradores cristãos; o que a princípio parecera incompatível ao escritor italiano (cf. GILSON, 2001). Ao lado de Petrarca, vários humanistas, tais como Marsílio Ficino (1433-1499) e Pico de La Mirândola (1463-1494), lograram harmonizar o notável legado da Antiguidade com o patrimônio cristão; o que Agostinho e Aquino bem antes o fizeram. Mas a convergência entre paganismo e cultura cristã não é possível em todos os âmbitos, de modo especial, na resposta sobre o que é o ser humano, ou qual deve ser o *status* da mulher na família e na sociedade. *A epístola ao deus do amor* se situa precisamente na articulação de risco entre os princípios cristãos e a tendência ao ceticismo e ao hedonismo do mundo pagão, presentes em escritores eruditos da cultura clássica, agora reconhecidos e divulgados pelos humanistas em virtude da perfeição estilística e da retórica dos autores greco-latinos.

Thomás de Pisan, pai de Christine, foi professor da Universidade de Bolonha, espaço privilegiado de florescimento do Humanismo. Além dos

conhecimentos na ciência médica e na astrologia/astronomia, foi entusiasta admirador da cultura clássica (ROUX, 2006). A convite de Carlos V, deixou a Itália para exercer a função de médico e astrólogo do monarca. Foi Thomás quem incentivou Christine a cultivar o gosto pela literatura e o estudo dos autores cristãos e das civilizações grega e latina. Portanto, a poetisa reunia as condições de conhecimento teológico e humanístico para transitar dos escritos eclesiásticos para a cultura antiga com um olhar capaz de vislumbrar os benefícios e os riscos, para a mulher, daquele momento de efervescência e contradições ideológicas. Christine viveu, em seu cotidiano, a experiência de valorizar a cultura antiga e igualmente de perceber a influência nociva da *Arte de amar* (1AC a 1DC), de Ovídio, e do livro de Jean de Meunno relacionamento entre homem e mulher.

Análise d' *A epístola ao deus do amor*

Em poucas linhas, é possível sintetizar os fatos narrados e as considerações relevantes da Carta de 860 versos de Christine dirigida ao deus Cupido na Festa da Primavera de maio de 1399. Mulheres burguesas e nobres, solteiras e casadas dirigiram-se à escritora, lamentando-se da difamação que lhes é continuamente imputada, principalmente na França, nação que outrora servira de padrão de defesa e enaltecimento da mulher. Christine assume o papel de representante das damas e donzelas, incluindo, na refutação contra os detratores da honra feminina, as emblemáticas figuras de Eva e de Maria, ao lado de personagens femininas das epopeias e tragédias clássicas, notáveis pela fidelidade ao amado: Penélope, Medeia e Dido. Para Christine, a ficção sempre contém algo de verdade. Na condição de observadora crítica, faz repetidas referências ao mau comportamento de falsos cavaleiros e nobres desleais, prontos a tergiversar, em louvor próprio e contra as damas, nos assuntos amorosos e na proposição de ser a mulher, por natureza, superficial, maliciosa e pendente a dissimular. A autora dirige-se com duras palavras à *Arte de amar*, de Ovídio, e à segunda parte do *Romance da rosa*, escrita por Jean de Meun. Afirma que esses livros não tratam do amor verdadeiro, mas da arte de enganar quem não dispõe de suficiente reconhecimento social e perspicácia para se defender. Justifica-se, afirmando que os livros são escritos por homens, e as mulheres são frequentemente simples, ternas e generosas, inclinadas a confiar naqueles que ardilosamente as traem. Não deixa de anuir ao fato de haver, como minoria, mulheres frívolas; menciona também homens valentes e leais, verdadeiros *'gentilhomme'*,

pois demonstraram coragem, bons sentimentos e cortesia. A seu ver, o destino faz justiça aos homens maledicentes e hipócritas: são os mais trapaceados pelas mulheres fúteis. A vulgaridade sempre se deixa atrair pelo baixo nível. Quanto aos princípios religiosos, que servem de escudo à defesa do feminino, faz alusão às mulheres que ficaram junto à Cruz de Cristo, enquanto os apóstolos traíram o Mestre. Tece elogios à mãe de Jesus, às virtudes e à doutrina cristãs com ênfase para o apreço que Deus, contínuas vezes, manifestou pela mulher na história da salvação. Na presença do rei e da sociedade palaciana, Christine conclui a *Epístola*, solicitando uma rigorosa punição para o comportamento abominável de nobres e letrados que, em lugar da gratidão devida à mãe e às irmãs, praticam e elogiam, sob o influxo do livro de Meun, os mais variados métodos de ludíbrio contra a mulher.

N' *A epístola ao deus do amor*³, surpreendemos a primeira querela literária, em língua francesa, instaurada por uma mulher (ROUX, 2006). A poesia palaciana da Baixa Idade Média já contara, na França, com a participação feminina nos debates literários (BAUMGARTNER, 2002). Na Península Ibérica, o *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende registra a atuação de treze mulheres e quinze homens no desafio poético lançado por Francisco da Silveira, e de sete poetisas na réplica de Nuno Pereira a Henrique de Almeida sob a rubrica: 'ajuda das donzelas da senhora dona Felipa'. Nos serões da Corte do século XIV a XVI, tal como mostra o *Cancioneiro*, as mulheres declamam e compõem trovas, além de oferecer motes a serem glosados (CARVALHO, 2001).

Porém, com a *Epístola*, Christine é quem toma a iniciativa de combater, com palavras e em nome das damas, contra o hedonismo do *Romance*, fundamentado na convicção de ser a mulher um mero complemento destinado à procriação e aos desejos instintivos do homem, como fora considerada na Antiguidade. De acordo com Massey, na Grécia antiga, não obstante o fato de as leis atenienses distinguirem entre a mulher livre e a escrava, ou entre a ateniense e a estrangeira; entre elas havia algo em comum: "[...] não dispunham de nenhuma espécie de direito político e em qualquer estágio de suas vidas, estavam sob o controle do homem" (MASSEY, s/d, p. 1). Na mesma obra, o historiador comenta que, desde os primeiros dias de vida, a mulher carregava o fardo da sua inferioridade. Para atestar, cita o fragmento de uma carta em

papiro originária do Egito do primeiro século D.C: "Se tiveres um filho e se ele for menino, boa sorte! Deixe-o viver, mas se ele for mulher, exponha-o ao relento" (MASSEY, s/d, p. 2).

Nessa linha de análise, o código masculino de comportamento do *Romance* representava um retrocesso e um desprezo pelas conquistas femininas alcançadas na Idade Média (cf. MACEDO, 1995; DUBY, 1997; LE GOFF, 2008). Christine quebra o silêncio e conclama a aristocracia cortesã parisiense a tomar partido e combater contra a maledicência e o incentivo à caça e à sedução de mulheres. Para obter a adesão do público palaciano, a escritora participa como protagonista do costume cortesão dos serões literários, respeitando as normas em vigor do gênero epístola. No século XIV, as cartas eram coletivas: preenchiam uma função social, publicando-se, em um primeiro momento, de boca, na presença das autoridades a que se dirigiam (cf. WATT, 1990). Nota-se que Christine teria levado em conta o *Dictaminis ephitalamium*, acerca da arte de escrever cartas, redigido por Juan Gil Zamora no século XIII, com especial divulgação na França por meio de preceituários de redação (cf. MONGELLI, FRATESCHI; 2003).

Na quarta seção de sua obra, Zamora refere-se às partes de que se devem compor as cartas: as saudações, a narração, a súplica e a conclusão. De acordo com as regras do *Dictaminis ephitalamium*, *A Epístola ao deus do amor* configurar-se-ia como carta de exortação e repreensão, incluindo a habitual saudação ao deus Cupido e a seus súditos, mais frequente nas cartas de amor. A narração, de teor didático-doutrinário, abrange a maior parte da *Epístola*, assumindo o caráter de argumentação em favor da imagem e identidade femininas contra a repercussão das máximas de Meun.

É digno de nota que a carta se assemelhe a uma petição advocatícia e que a súplica final tenha a força e a formalidade de uma sentença legal proferida após análise e julgamento do delito, concluindo com o requerimento de que seja o veredicto executado sem demora. Essa visão quase jurídica da relação amorosa não é senão uma das facetas de uma tendência mais ampla da civilização medieval: representar-se no exercício da justiça e tratar sob a forma de processo, com debate e julgamento, os problemas teológicos, amorosos ou antropológicos (BAUMGARTNER, 2002). Eis o final da Carta, em que a autora adota a condição de promotora naquela contenda que em breve ultrapassaria o espaço da Corte.

Que sejam insultados, punidos
vergonhosamente./Presos e atados por corda, e que a
justiça seja feita./Sem que se sofra mais e nenhuma

³As citações do *corpus* foram extraídas de: 'L'epistre au Dieu d' Amours', de Christine de Pisan, traduzido do francês arcaico para o português pela autora deste artigo. Texto original por Gállica Bibliothèque Nationale de France (PISAN, 1399).

injúria [seja] feita, /Nós o desejamos assim e é de direito./ Executada seja sem nenhuma prorrogação./Publicada oralmente, em nosso grande palácio, /No dia de Maio durante a solene festa/ Na qual os amantes nos fazem muitas súplicas, /No ano de graça de mil trezentos e noventa e nove [...] (v. 790-795)⁴.

Portanto, Christine não é apenas tributária do gênero carta, mas ainda da tradição medieval das *Cortes de amor*. A sociedade francesa, a partir do século XII, confiara a mulheres ilustres como Aliénor d'Aquitaine, Adèle de Champagne, Ermengarde de Narbonne, ou ainda à própria Marie de Champagne, a possibilidade de julgar impasses amorosos (PERNOUD, 1980). A atenção do público convergia para os cavaleiros, mas às damas correspondia a palavra final nas *Cortes de amor*: espécie de tribunal em que as mulheres emitiam o veredicto, implantando as normas de uma verdadeira ética e jurisprudência do amor. Damas e cavaleiros examinavam os casos que lhes eram submetidos, discutiam-nos, recorrendo à arbitragem dos nobres, mas, em especial, das mulheres, por serem consideradas as mais exímias na arte da cortesia⁵. Como implicação desse privilégio confiado ao gênero feminino, entendemos por que foi acessível a Christine de Pisan o direito de salvaguardar a reputação feminina e de julgamento, acompanhado de punição, contra os adeptos do neopaganismo do *Romance*, obra com vigorosa força de penetração a partir dos séculos XIV e XV.

Apesar das prerrogativas concedidas à mulher no Direito Canônico e na administração política com ressonâncias no ambiente palaciano, Christine tem o cuidado de construir e consolidar a sua legitimação perante o público cortês. No *status* de advogada da condição feminina, ela é instada a revelar, ainda nos primeiros versos da carta, os bastidores da enunciação, isto é, as circunstâncias que justificaram a decisão de redigir e proferir oralmente *A epístola ao deus do amor*:

Levamos ao seu conhecimento, em síntese,/Que à nossa Corte vieram compungidas/Diante de nós, muito piedosas lamentações/ Da parte de damas e donzelas,/ Nobres, burguesas e virgens./ E todas essas mulheres, em geral./ Requerendo nosso socorro humildemente [...] (v. 8-14).

Fica claro tratar-se de narração e defesa delegadas, o que fortalece a representatividade da

escritora aos olhos da realeza e dos fidalgos. Ao lado da legitimação circunstancial e, em parte, em decorrência dela, confirma-se a autoridade enunciativa de Christine na instância de advogada das mulheres e de promotora contra a selvageria de nobres e cavaleiros. Ninguém melhor do que a depositária da confiança de damas e donzelas para exercer a cátedra de amparo das vítimas e de acusação contra o código masculino em vigor.

Ainda contribui, para validar o direito à palavra, a inegável qualificação enunciativa da escritora, evidente no conhecimento literário, religioso e histórico presente n' *A epístola ao deus do amor*. Alude aos protagonistas da *Odisséia* e da *Eneida*, à *Medeia* e a Ovídio, cuja obra e biografia conhece. No campo da cultura bíblica, comenta e interpreta a atuação de personagens em episódios paradigmáticos do Novo e do Antigo Testamento, sabendo conjugar originalidade e apreço pela ortodoxia eclesiástica. Afirmará a respeito da natureza feminina, sob o influxo do culto mariano: “Do que se pode dizer, e não é heresia, /Que muito lhe fez o alto Deus cortesia” (v. 695-696). Manifesta ainda estar a par de acontecimentos do passado próximo: refere-se a cavaleiros e intelectuais notáveis na França como: *Hutin de vermeilles* e *Othe de grançon* (PISAN, 1399, v. 225-226; 223). Observa-se, assim, ao longo da carta, a sutileza que tem a autora para ler os fatos da contemporaneidade e delimitar as causas das mudanças sociais e dos costumes em prejuízo da mulher.

Por sua vez, o cunho pedagógico da escrita de Christine dá sequência ao sulco forjado por outras mulheres nos núcleos de cultura religiosa e leiga da sociedade medieval. A esse respeito, afirma Verdon que não era raro haver mulheres escritoras cujo objetivo era educar ou ensinar normas de comportamento (VERDON, 1999). Também Régine Pernoud, desta vez citando Karl Bartsch, estudioso dos manuscritos femininos, registra a informação surpreendente de que as mulheres, na Idade Média, liam mais do que os homens. E comenta a historiadora francesa que se poderia ir mais longe e acrescentar que elas não se contentavam com ler, mas com frequência escreviam, e que esses manuscritos, que testemunham o saber de sua época, foram, muitas vezes, copiados por mãos femininas (PERNOUD, 1980).

Apesar do percurso intelectual encetado pela mulher e da representatividade de que gozava Christine de Pisan, a poetisa revela perfeita lucidez quanto à ousadia do seu *status* e ao risco que corre, pois tem a diligência de tecer, no interior do texto, a sua autodefesa:

⁴Injurie, punis honteusement,/Pris ct liez, et justice en soit faite./Sanz plus souffrir nulle injure si faite./Ne plus ne soit souffert telle laidure./Nous le voulons ainsi et c'est droiture”.

⁵No ‘Tratado do amor cortês’, André Capelão apresenta um capítulo com a arbitragem da mulher em casos complexos de julgamento do amor (cf. CAPELÃO, 2000).

E se a esse respeito eu quisesse tudo dizer//Eu teria receio de me expor a alguns que leem/ Pois muitos com frequência por dizer a verdade/ São importunados e contrariados (v. 629-632)⁶.

De fato, *A epístola ao deus do amor* não tem origem na iniciativa temerária de uma mulher cuja coragem decorre da inexperiência ou da precipitação emotiva. Em várias estrofes, nós a flagramos na delicada tensão de entrelaçar o dizer com o não dizer, sabendo discernir entre as ocasiões que tornam mais oportuno o silêncio ou a palavra:

Se me for suficiente louvar sem criticar;/Pois se pode alguma coisa boa divulgar [...] //Se é melhor do dizer repousar/ Por isso me calo, que cada um julgue por si (v. 635-636; 640-642)⁷.

Ao lado da arte sutil de fazer da discrição um recurso, a autora atenua a possível rigidez da audácia com o caráter lúdico das tertúlias literárias. Não se trata de um expediente aleatório ou de pura fantasia. É mais eficaz convencer e granjear adeptos num clima de descontração, que ameniza as asperezas do embate. Christine aproveitou-se do entretenimento para eleger como interlocutor *O deus cupido* e, como testemunhas de sua reivindicação, outras figuras mitológicas:

Cupido, rei pela graça dele mesmo,/ Deus dos que amam, sem ajuda de ninguém/Reinando na atmosfera muito reluzente do céu,/Filho de Vênus, a deusa poderosa. (epígrafe)⁸
Estando presentes deuses e divindades, /Pelo deus do amor poderoso/ E mais ao conjunto de cem deuses de grande poder,/ Para que confirmem e atendam nosso querer (v. 800-804)⁹.

Em particular, graças à linguagem alegórica da saudação e da súplica final, a *Epístola* configura uma relação dialógica ambígua, implantando dois níveis de interlocução: o primeiro, mitológico ou de comicidade, que vai ao encontro dos passatempos palacianos, capaz, no entanto, de legitimar a segunda interlocução; esta, de relevo, de cunho educativo e repercussão social, o que confere à *Epístola* a categoria de reportagem concreta, circunstanciada e precisa, a que não faltou a interpretação dos fatos e a acusação dirigida a um alvo específico: os cavaleiros e os aristocratas dos quais cobra mudança de conduta:

E ainda assim, do que mais se doem,/Dos nobres que mais costumavam guardá-las./Pois no presente são muitos cavaleiros/E escudeiros e muitos duques e investidos/[De quem se queixam] de traí-las com belos elogios.//Eles fingem ser leais enamorados/E se cobrem de variadas fantasias; (v. 31-37)¹⁰.

Juram de fato e prometem e mentem/Ser leais, discretos, e depois se vangloriam disso./De ir com frequência e de vir sofrem,/Por aqui e lá andam a pé./Olhando-se, apoiam-se uns aos outros. (v. 45-49)¹¹.

Na contramão do *Romance da rosa*, no qual a dissimulação e a astúcia são recursos necessários para submeter a mulher (MEUN, LORRIS; 1798, v. 5), para Christine, esses são os vícios que mais repudia nos cavaleiros e letrados. Refere-se, em várias estrofes, às calúnias e à conivência na perversidade com que se injuriam as mulheres. Com idêntico critério, descreve os traços da nobreza de caráter de quem efetivamente sabe amar:

Se eu lhes proíbo vilania e maldade,/E lhes ordeno de aderir à honra de fato,/Ser leais, discretos e, de fato, bendizentes,/Generosos, corteses, e fugir dos maldizentes,/ Humildes, e doces, galantes e amáveis// Firmes e francos [...] (v. 75-80)¹².

O paradigma que Christine delimita não decorre somente da sua sensibilidade e percepção, antes corresponde à expectativa da opinião pública plasmada pelas instituições medievais. À sombra de qualidades como honra, generosidade, firmeza, humildade e sinceridade, divisamos os ideais da cavalaria, embora os bons modos pudessem ser incluídos nesse rol, pois faziam parte dos princípios cavaleirescos. N'O *livro de ordem da cavalaria*, do século XIII, acrescenta-se à lealdade, à liberalidade e à piedade, a cortesia, como virtude que honra a Instituição (LLULL, 2010). Em outro trecho da mesma obra, Llull caracteriza a têmpera do cavaleiro, salientando que a ele não bastam a linhagem, o cavalo, ou a destreza para fazer jus à honra de pertencer à Ordem:

Logo, se desejás encontrar nobreza de coragem demanda-a à fé, esperança e caridade, justiça, fortaleza, lealdade, e às outras virtudes, porque [nelas] está nobreza de coragem, e por aquelas o

⁶“Et se sur ce je vouloie tout dire//Doubte aroie d'encorir d'aucuns l'ire;/Car moult souvent pour dire verité/Mautalent vient et contrarieté”.

⁷“Si me souffist de louer sanz blasmer;/Car on peut bien quelque riens bon clamer [...]//Si se vault mieulz du dire reposer. Pour ce m'en tais, si en soit chascun juge”.

⁸“Cupido, roy par la grace de lui,/Dieu des amans, sanz aide de nullui/Regnant en l'air du ciel très reluisant,/Filz de Venus la deesse poissant”.

⁹“[...] present dieux et divins / par le dieu d'amours poissant / A la relation de cent/ Dieux et plus de grant pouoir / Confermans nostre voloir”.

¹⁰“Et meismement, dont plus griefment se deulent./Des nobles gens qui plus garder les seulent./Car a present sont plusieurs chevaliers/Et escuiers mains duis et coustumiers/D'elles traýr beaulx blandissemens./Si se faignent estre loyaulx amans/Et se cueuvrent de diverse faintise”.

¹¹“Et jurent fort et promettent et mentent /Estre loiaulx, secrez, et puis s'en vantent./D'aler souvent et de venir se peinent./Par ces moustiers ça et la se pormenent/En regardant, s'apuiet sus aultelz”.

¹²“Si leur deffens villenie et meffait,/Et leur commans poursuivre honneur de fait,/Estre loiaulz, secrez et voir disans./Larges, courtois, et fuír mesdisans./Humbles et doulz, jolis et assesmes”.

nobre cavaleiro se defende da maldade e do engano e dos inimigos da Cavalaria (LLULL, 2010, p. 55)¹³.

Tanto *A epístola ao deus do amor* quanto o livro de Llull priorizam, como fundamento do agir, a espiritualidade cristã; e como juízo de valor, o mérito. A bondade do coração deve preceder às iniciativas e à audácia para implementar a justiça e a ordem social. Como ideário dos cavaleiros, sobressai a defesa das viúvas, dos órfãos, dos anciãos e de todos os incapazes de impor-se contra a injustiça. Em consonância, a *Epístola* combate em favor da reputação feminina num momento histórico em que a honra era prezada mais do que os bens materiais, e ser como Christine era uma exceção.

Igualmente na *Epístola* avulta a exigência de refinamento nos gestos e nas palavras. Os atributos do padrão masculino – ‘discretos, doces, galantes e amáveis’ – manifestam o apreço pela elegância cortesã. Em destaque, o entrelaçamento do paradigma cavaleiresco com a essência das normas de cortesia. No amor cortês, é preciso manter as rédeas do cavalo para dominar o imediatismo do instinto e alcançar a virtude (BURIDAN, 2000, p. XLIX). O sentimento amoroso se enobrece com a contenção dos impulsos e a disciplina do desejo; e quando a razão e o alto conceito da mulher subjugam a impulsividade, conquista-se a sublimação do amor (CAPELÃO, 2000), implícita na mesura do relacionamento humano; em especial, na arte de cortejar as damas. Em síntese, nota-se em Ramon Llull, Capelão e Christine o intuito de instruir ou resgatar o comportamento de amantes e cavaleiros nos moldes da ascese cristã e do amor cortês num período em que se assiste ao declínio dos fundamentos e das diretrizes que construíram a Civilização Ocidental (COULANGES, 2003).

N’*A epístola ao deus do amor*, Christine amplia a sua função de educadora: não se reportando somente aos homens, dirige-se à plateia feminina para alertar contra a postura ingênua e simplória que fazia das donzelas, vítimas fáceis das estratégias masculinas de sedução. Tem consciência de que ao desmascarar a devassidão masculina, contribui igualmente para o amadurecimento e a capacidade de percepção da mulher: “Pois as virtudes dominam os vícios./E, se há entre as mulheres algumas ingênuas./Esta *Epístola* lhes pode servir de ensinamento” (v. 767-769)¹⁴. Das críticas perspicazes de Christine, não escaparam as mulheres fúteis às quais a isenção

de julgamento da poetisa impôs enérgica repreensão. As frívolas também infringem as leis do amor cortês, que não dispensam a mulher do domínio sobre a paixão e o transbordamento das emoções. O zelo da privacidade, o recato e a discrição eram de tal modo inerentes à identidade feminina que André Capelão só fala dessas virtudes indiretamente, quando cobra dos homens o apreço pela delicada interioridade da mulher. A exposição do que é íntimo não se coaduna com o *status* feminino e medieval de obra-prima da criação, atribuído à Maria, a Nova Eva (PELIKAN, 2000), e, de Maria, por contágio, a todas as mulheres.

Chama-nos a atenção a destreza intelectual de Christine, patente na construção lógica e dialética da carta. O texto reproduz a estrutura dos debates acadêmicos (NUNES, 1978; ROPS, 1993), pondo em relevo a finura e a sutileza de argumentação da escritora. Em sintonia com a dialética escolástica, Christine propõe o problema: a mulher está sendo difamada por nobres, letrados e cavaleiros, que a consideram vulgar, leviana e inconstante. Depois de narrado o fato em circunstâncias pormenorizadas, a proponente formula a *questio*, isto é, o tema polêmico responsável pela divergência de opiniões. A mulher é, por natureza, inferior ao homem? Têm ou não razão, aqueles que a diminuem?

Christine examina os argumentos da tese misógina.

Em versos dizem: Adão, Davi, Sansão,/E Salomão e outros foram seduzidos cabalmente pela mulher; (v. 267-268) Outros dizem que muitas são mentirosas,/Variáveis, instáveis e frívolas (v. 273-274)¹⁵.

Várias vozes comparecem na cenografia da *Epístola*, instaurando uma autêntica polifonia, em que a autora cede a palavra aos adversários, para em seguida, na linha de argumentação tomista (GILSON, 2001), fazer luzir os sofismas da visão redutora da mulher. Eis a resposta que dirige àqueles que mencionam os reis de Israel para ressaltar a nociva sedução feminina:

Sem guardar lealdade, faro às mais belas./O que nesse sentido ousaram Davi e Salomão, o rei ?//Deus se encarregou e puniu o desregramento (v. 318-312)¹⁶.

Ora, a culpa, Deus a imputou ao homem, e não à mulher. A tese da leviandade feminina, em pauta nas

¹³On, si vols trobar nobelitat de coratge, demana a fe, speranza, caritat, justícia, fortitudo, leyaltat e a les atres virtuts, cor en aquelles stà noblea de coratge, e per aquellas noble cor de cavayler se deffèn a malvestat e angan e a los enemics de cavaylaria” (LLULL, 2010, p. 54).

¹⁴Car les vertus si enchacent les vices./Et, s’il est des femmes aucunes nyces./Cest’ Epistre leur puist estre doctrine”.

¹⁵En vers dient, Adam, David, Sanson,/Et Salemon et auitres a foison/Furent deceuz par femme [...]/Autres dient que trop sont mencongières./Variables, inconstans et legieres.”.

¹⁶Sanz loialtè tenir, nez aux plus belles./Qu’en ot David et Salemon le roy?/Dieu s’en courça et puni leur desroy”.

assembleias dos homens, serve de eco a Ovídio¹⁷ e à misoginia de Jean de Meun¹⁸. As vozes e os argumentos dos opositores ressoam N'A *epístola ao deus do amor*. Porém, Christine mostra-se exímia na técnica retórica de levar às últimas consequências a inconsistência da hipótese adversária:

E como então sendo frágeis e levianas, // E inconstantes, simplórias e totalmente ingênuas / São as mulheres, tal como dizem alguns letrados, / que necessidade há para aqueles que pregam / De tanto se armar de cautela? / E por que rapidamente não se submetem elas? / Sem que faça falta arte ou engenho para capturá-las? / Porque para castelo conquistado não é necessário guerra empreender (v. 379-386)¹⁹.

Na referência aos letrados e na alusão ao castelo e à arte, vem à tona o diálogo intertextual da *Epístola* com o *Romance da rosa*. A sátira ao amor cortês, em Meun, reproduz uma ascese às avessas: a aventura e os riscos na floresta para chegar ao castelo e colher a rosa, a jovem virgem, não representam o heroísmo de quem serve à mulher. Os obstáculos funcionam como ritual de iniciação para vencer o equilíbrio racional, o medo e a vergonha. O desejo carnal deve se impor à voz da consciência na captura da donzela. O autor subverte as pregações religiosas e ensina como dar ouvido à tentação e vencer o conflito interior entre respeitar a liberdade da mulher e obedecer à lascívia de Júpiter e ao ímpeto instintivo de Vênus. Não há apreço pela sensibilidade e pela inteligência das mulheres solteiras ou casadas. Em realce, a sagacidade do homem que alcança justificar, aos próprios olhos, o uso da emboscada na conquista da jovem por meio de uma concepção preconceituosa da mulher: todas são pervertidas, indiscretas e maliciosas (MEUNG; LORRIS, 1798).

Em contrapartida, Christine denuncia, como sofisma, o aviltamento das damas e donzelas no *Romance* e na Corte de Paris; o que fortalecerá a tese que defende. Eis a estratégia retórica de converter, nessa guerra verbal em que está em jogo a honra feminina, a agressividade do inimigo em força e conquista do aliado:

Que longo processo! / Que difícil coisa! / E ciências claras e obscuras / São introduzidas nessa [arte] e grandes aventuras! / E a quantas pessoas suplicar e contestar / E quanto sofrimento e obstáculos

¹⁷Na 'Arte de amar', Ovídio salienta que as promessas atraem as mulheres. Aconselha, portanto, ao amante prometer e, para ter credibilidade perante a amada, invocar todo e qualquer deus, pois nas alturas celestes Júpiter ri dos juramentos dos amantes e ordena aos ventos de Éolo que os anulem (OVIDIO, 1992).

¹⁸O 'Romance da rosa' também propõe a entrega de presentes e o fingimento como meio para o homem granjear a satisfação sexual. (cf. MEUNG; LORRIS, 1798, v. 5). Meun foi leitor e admirador de Ovídio.

¹⁹"Et comment donc quant fresles et legieres, / Et tournables, nyces et pou entieres / Sont les femmes, si com aucuns clers dient, / Quel besoing donc est il a ceulz qui prient / De tant pour ce pourchacier de cautelles? / Et pour quoy tost ne s'i accordent elles / Sanz qu'il faille art n'engin a elles prendre?"

encontrar // Para seduzir nada mais que uma virgem / Só esse é o objetivo, por fraude e com cautela! / A um lugar fraco é então necessário um grande assalto? / Como se pode ao alcance da mão fazer-se um grande assalto? / Eu não sei conceber ou compreender isso. (v. 390-399)²⁰.

A autora parece saborear o golpe de mestre que infringe ao oponente, de que decorre a ironia e a redundância do texto, que não agregam fatos novos ao relato, para tão só revelarem a vibração de quem ataca com júbilo, exultando na convicção da vitória: "Que grande esforço faz falta para um fraco lugar dominar, / Ou arte ou engenho ou grande sutileza" (v. 400-401)²¹. Eis agora o arremesso decisivo, construído com palavras e delicada maestria para derrubar o antagonista:

Para quem tudo é necessário, / Pois convém arte, grande engenho e grande esforço, / Para enganar mulher nobre ou burguesa, // É porque elas não são nada instáveis, / Tal como diz alguém, nem as faça tão flexíveis (v. 403-406)²².

Conquista merecida, ainda mais valiosa, porque arrancada a um forte interlocutor em combate desigual:

E se alguém me diz: todos os livros estão cheios dessas qualificações, / É a resposta de que mais eu me lamento, / Eu lhes respondo que os livros não os fizeram // As mulheres [...] (v. 407-410)²³.

Mais uma vez nos deparamos com a velada interlocução da *Epístola* com o *Romance*, no qual se afirma ser a mulher infiel e dissoluta, não merecendo que nenhum homem com ela se comprometa em matrimônio (MEUN; LORRIS, 1798). A esse desprezo pelo feminino, Meun acrescenta que, uma vez e infelizmente casado, o homem não faça gastos com a mulher; ao contrário, deve se apossar de seus bens e nunca permitir que ela tenha mais instrução do que ele, sob a ameaça de ser subjugado pelo muito saber da esposa (cf. MEUN; LORRIS, 1798, v. 5). De fato, como comenta Christine, é lamentável que a literatura esteja sob o domínio dos homens. Porém, essa não é a última palavra. A poetisa, que foi a primeira mulher a defender por escrito a mulher e a viver do retorno financeiro de suas obras, não se calará até o final de sua vida.

²⁰"Quel long procès! quel difficile chose! / Et sciences et cleres et obscures / Y met il la et de grans aventures! / Et que de gent soupploiez et rovez / Et de peines et de baraz trouvez! / Pour decepvoir sanz plus une pucelle, / S'en est la fin, par fraude et par cautelle! / A foible lieu faut il donc grant assaut? / Comment peut on de près faire grant saut? / Je ne sçay pas ce veoir ne comprendre".

²¹"Que grant peine faille a foible lieu prendre, / Ne art n'engin, ne grant soubtiveté".

²²"Dont convient il tout de neccessité, / Puis qu'art convient, grant engin et grant peine, / A decevoir femme noble ou villaine, // Qu'elz ne soient mie si variables,".

²³"Et s'on me dit li livre en sont tuit plein, / C'est le respons a maint dont je me plain, / Je leur respons que les livres ne firent! / Pas les femmes, ne les choses n'i mirent".

O virtuosismo de Christine serve de contraponto à hegemonia masculina. E, no fragmento que consideramos ser o xeque-mate da *Epístola*, evidencia-se a habilidade intelectual da autora que, de acordo com a religiosidade medieval, elege, como premissa de seu raciocínio, a afirmação de Cristo de que a boa árvore só pode dar bom fruto (Mt. 7, 16-19). Em primeiro lugar, ela aplica à gênese da mulher, isto é, a Eva, o mencionado axioma, tecendo ilações em favor do feminino:

Pois [Deus] configurou [a mulher] nobremente, /E foi criada de muito nobre matéria, //Pois não foi do limo da terra/ Mas tão somente da costa do homem./
Cujo corpo já existia, a mulher é a soma dele:/A mais nobre de todas as coisas terrenas (v. 598-604)²⁴.

É perfeito o silogismo que culmina no elogio à natureza feminina, tomando como base o enaltecimento do homem: Adão, 'muito nobre matéria' de quem ela tem origem e com quem constitui a integridade do gênero humano. Faz-se notório como é equivocado e pouco inteligente o desprezo pela natureza feminina, porque ela implica a desqualificação do homem. Para Christine, tal como no Gênesis, o ser homem e o ser mulher são duas faces da natureza humana reciprocamente complementares.

Em um segundo momento, a autora propõe idêntica premissa, amplificando-a em um universo maior de causas e efeitos, em que se inclui toda a humanidade: homem e mulher resgatados em sua inteireza originária na obra da redenção por intermédio da Nova Eva (BURIDAN, 2000, p. LXXI; PELIKAN, 2000; VERDON, 2006). Maria, na ascensão do feminino, passou a ser um ícone da força igualitária do cristianismo (BASCHET, 2006).

É bom e de direito (não se ofenda por isso nenhum homem),/Pois se bondade e valor há na mulher/Vergonha nem difamação advirão ao homem, /Porque Ele nasceu e se fez graças à outra mãe: Maria/Se de má qualidade ela for, Ele não pode valer nada, //Pois nenhum fruto bom, de má árvore vem,/Tal qual ela é, convém [ao fruto] ser-lhe semelhante, /E se boa é, Ele lhe é bastante devedor,/Pois às mães se assemelham muito os filhos [...](v. 750-759)²⁵.

Com esse argumento, denuncia-se o estratagemma da tese contrária. O feitiço virou contra o feitiço. Ou melhor: não há feitiço nem feitiço. Preconizar

a natureza inferior da mulher ou insistir em difamá-la pressupõe desprezar a pessoa histórica de Cristo, a que se faz referência na metáfora e perífrase com que o Mestre é designado no imaginário coletivo do povo: fruto do ventre de Maria. Sagrado e profano se conjugam para consolidar os ensinamentos da educadora Christine de Pisan, aos quais não faltará a afetividade: "Porque todo homem deve ter um coração terno/ para todo homem existe uma mãe" (v. 168-169)²⁶.

A última citação constitui um dos poucos momentos em que a poetisa se desvia do *ethos* enérgico e incisivo da *Epístola* para impregnar de suavidade o ritmo dos versos. Aqui fala a mãe, Christine de Pisan, incumbida de educar o irmão e os filhos depois da morte prematura do marido (ROUX, 2006). Os laços afetivos que ela evoca estão densos de significação e de história. E encontram autêntico sentido na família nuclear, formada por pai, mãe e filhos, e instaurada pelo matrimônio cristão, no qual a esposa passou a ser célula *mater*, presença estável e fonte da coesão e formação humana da família.

A mulher foi a grande educadora do Ocidente. Coube a ela estender a dimensão de sua influência social, passando a civilizar não só os filhos, mas o namorado, o marido, os vassalos e os candidatos à cavalaria; e a impregnar de afetividade as relações políticas internas e a diplomacia (MACEDO, 1995). Desse modo, se reconstitui e se completa o *status* da escritora com uma de suas faces mais relevantes: a autoridade moral da mãe, com a qual ela intenta humanizar o mundo palaciano. E da Corte, Christine migrará para o espaço maior da sociedade francesa.

Conclusão

A querela literária, uma vez deflagrada, sem que esse tenha sido o intuito inicial da autora, ganhou vulto e rompeu barreiras, erigindo-se em debate público de 1401 a 1404. Analogamente aos editoriais de jornal dos nossos dias, a escritora delimitou e interpretou as mudanças sociais em curso, ainda não perceptíveis a olho nu. A observação do cotidiano e o conhecimento da literatura clássica serviram-lhe para identificar as raízes de uma velada tensão entre duas linhas de força. Por um lado, a dignidade feminina, tradicionalmente pressuposta no convívio cortesão; e, por outro, a visão preconceituosa da

²⁴Si lui donna fourme moult noblement./Et fut faite de moult noble matiere, //Car ne fu pas du lymon de la terre/Mais seulement de la coste de l'omme./Lequel corps ja estoit, c'en est la somme./Le plus noble des choses, terriennes".

²⁵Bien et a droit, n'en desplaise a nulz homs./Car se bonté et valeur a en femme/Honte n'est pas a homme ne diffame./Car il est né et fait d'aulltel merrien;/Se mauvaïse est il ne puet valoir rien, //Car nul bon fruit de mal arbre ne vient./Telle qu'elle est ressembler lui convient, //Et se bonne est il en doit valoir mieulz, /Car aux meres bien ressemblent les fieulz".

²⁶Car tout homme doit avoir le cuer tendre/ Envers femme qui a tout homme est mere".

mulher introduzida pela leitura e a produção de livros inspirados em autores da Antiguidade. As duras palavras de Christine contra Ovídio e Meun abalaram o mundanismo palaciano e repercutiram nos círculos acadêmicos e de cultura da França, instigando a opinião pública a tomar partido em favor da *Epístola* ou do *Romance*. Em destaque, a dimensão social da arte e o compromisso da autora com a defesa das virtudes da mulher. Damas e donzelas, que Christine não apenas representou, mas igualmente elevou, graças ao vigor humano e ao cunho emblemático de sua obra.

A beleza plástica das alegorias e dos espaços do *Romance* de Meun e a sátira expressiva dos defeitos femininos também ganharam discípulos entre jovens e intelectuais de prestígio. Dentre eles, Jean de Montreuil e Gontier Col. e o posterior poeta francês Rabelais. Christine, por sua vez, contou com aliados no mundo acadêmico e religioso, como Martin Franc e Jean Gerson; este, chanceler da Universidade de Paris. Professores de renome escreveram dissertações em defesa da honra feminina e do casamento cristão contra a misoginia do *Romance da rosa*. Porém, foi Christine quem liderou o litígio oralmente e por escrito contra seus opositores. A polêmica exacerbou-se: Gontier Col impôs à poetisa que se retratasse da crítica contra o *Romance da rosa*, o que ela não fez (ROUX, 2006). Ao contrário, Christine não agiu sob pressão e continuou a pensar por conta própria. No poema: *Le ditié de Jeanne D'Arc* (PISAN, 1429), com que ela se despede da vida, e na contramão das tendências em vigor, a escritora ainda empresta a palavra a Jeanne D'Arc (1412-1431), que não terá voz nem vez para se defender e, com mentiras e ignomínias do interesse político, seria condenada à morte no simulacro do julgamento que não houve²⁷. Christine falou por ela!²⁸.

Referências

- BARBOSA, P. G. Uma introdução à literatura portuguesa. In: CASTRO, F. L. (Org.). **História da literatura Portuguesa**: das origens ao cancionero de Garcia de Resende. Lisboa: Alfa, 2001. p. 13-33.
- BASCHET, J. **A civilização feudal**: do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.
- BAUMGARTNER, E. Moyen age. In: CHRISTIANE, O.; GUILLEMOT, M. (Org.) **Histoire de la littérature Française**. Paris: Larousse, 2002. p. 5-153.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Claretiana, 2012.
- BURIDAN, C. Introdução ao tratado do amor cortês. In: CAPELÃO, A. **Tratado do amor cortês**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. IX- LXXVII.
- CAPELÃO, A. **Tratado do amor cortês**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CARVALHO, J. S. O cancionero geral, de Garcia de Resende. In: CASTRO, F. L. (Org.). **História da literatura Portuguesa**: das origens ao cancionero de Garcia de Resende. Lisboa: Alfa, 2001. p. 513-599.
- COULANGES, F. **A cidade antiga**. São Paulo: ERT, 2003.
- DUBY, G. **Damas do século XII**: a lembrança das ancestrais. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- GILSON, E. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HAUSER, A. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LE GOFF, J. **Uma longa Idade Média**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- LLULL, R. **O livro da ordem de cavalaria**. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: IBFC Raimundo Lúlio, 2010.
- MACEDO, J. B. Mulheres e política no século XV português: considerações críticas. In: MOURA, V. G. (Ed.). **Oceanos**: mulheres no mar salgado. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, 1995. p. 18-20.
- MASSEY, M. **Women in ancient greece and rome**. Sydney: Cambridge University Press, s/d.
- MEUNG, J.; LORRIS, G. **Le roman de la rose**. Paris: Gállica Bibliothéque Nationale de France, 1798.
- MONGELLI, L. M.; FRATESCHI, Y. **A estética medieval**. Cotia: Íbis, 2003.
- NUNES, R. A. C. **História da educação na Idade Média**. São Paulo: Edusp, 1978.
- OVÍDIO, P. **Arte de amar**: ars amatoria. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- PELIKAN, M. **Maria através dos séculos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PERNOUD, R. **Les femmes au temps des catédralles**. Paris: Stock, 1980.
- PISAN, C. **L'epistre au Dieu d' Amours**. Paris: Gállica Bibliothéque Nationale de France, 1399.
- PISAN, C. **Le ditié de Jeanne D' Arc**. Paris: Gállica Bibliothéque Nationale de France, 1429.
- ROPS, D. **A igreja das catedrais e das cruzadas**. São Paulo: Quadrante, 1993.
- ROUX, S. **Christine de Pisan**: femme de tête, dame de coeur. Paris: Payot, 2006.
- TOURBET, P. Le moment carolingien. In: BURGUIÈRE, A.; KLAPISCH, C.; SEGALE, M.; ZONABEND, F. (Dir.). **Histoire de la famille**:

²⁷ Jeanne D' Arc foi capturada em Paris em 1430, vendida aos ingleses pelos burguinhões e queimada viva, em 1431, por um tribunal eclesiástico manipulado pelos ingleses, falsamente acusada de heresia. Contou com a defesa de Gerson (cf. BAUMGARTNER, 2002). Em 1920, foi canonizada pela Igreja Católica.

²⁸ O texto original de 'Le ditié de Jeanne D'Arc' pode ser encontrado em Gállica Bibliothéque Nationale de France, 2014.

temps médiévaux. Paris: Armand Colin, 1986.
p. 101-139.

VERDON, J. **L'amour au moyen age**: la chair, le sexe et le sentiment. Paris: Perrin, 2006.

VERDON, J. **Les femmes en l' an mille**. Paris: Perrin, 1999.

WATT, I. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Received on June 29, 2014.

Accepted on May 29, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.